

Vikings, cultura e região: o mito arqueológico nórdico dos Estados Unidos

Johnni Langer*

Resumo: O artigo investiga a criação e popularização do mito arqueológico nórdico dos Estados Unidos a partir do século XIX. Examinamos o mito através da relação entre cultura e região no imaginário social. Empregamos como fontes primárias estudos acadêmicos, literatura, iconografia e cinema.

Palavras-chave: Vikings na América, cultura e região, mito arqueológico.

Résumé: Cet article étudie la création et la popularisation du mythe archéologique nordique des États-Unis de le dix-neuvième siècle. Nous avons examiné le mythe à travers la relation entre la culture et de la région dans l'imaginaire social. Nous utilisons des sources primaires études universitaires, littérature, iconographie et le cinéma.

Mots-clés: Vikings en Amérique, culture et région, mythe archéologique.

Como diversas outras nações constituídas a partir do século XVIII e XIX, os Estados Unidos tiveram em sua trajetória política e social a conjugação de elementos míticos que auxiliaram na criação de referenciais nacionais. Em particular, a região da Nova Inglaterra forneceu a elaboração de um mito arqueológico, que por muito tempo esteve estreitamente conectado com elementos culturais advindos de interpretações históricas. O objetivo deste artigo é a análise destes referenciais. Na primeira parte, fornecemos algumas discussões teóricas sobre a relação entre cultura e região, passando em seguida para o panorama norte-americano, e num terceiro momento, detalhamos as implicações históricas.

Cultura e região

Nas ciências humanas contemporâneas, talvez o conceito de cultura seja um dos mais polissêmicos e controvertidos. Do ponto de vista tradicional da antropologia, cultura representa a contrapartida do instinto biológico, sendo a capacidade humana de transformar a natureza, de se adaptar ao meio ambiente. Esses comportamentos e saberes típicos dos humanos são adquiridos e transmitidos pela aprendizagem (Laplantine, 1999, p. 120). Mas em vez de uma visão homogênea e estática do fenômeno, atualmente define-se cultura pela sua dinâmica, em permanente processo de construção, desconstrução e reconstrução. Ela é uma construção sincrônica, mas nunca existe em estado puro e nem mestiço, mas sempre misto e sua descontinuidade é mais presente na ordem temporal que espacial. Em relação ao

* Pós-Doutor em História Medieval pela USP, professor da UFMA. Coordenador do NEVE, Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos (www.nevevikings.tk). E-mail: johnnilanger@yahoo.com.br

social, as culturas são sempre construídas historicamente, isto é, são inseridas sincronicamente nas relações dos grupos sociais entre si (Cuche, 2002, p. 10, 136, 140, 143).

Com relação às especificidades culturais no espaço, os antropólogos criaram o conceito de *área cultural*. Este pressupõe que os povos, vivendo numa zona ambiental específica, desenvolviam formas distintas de vida. Assim, os padrões culturais eram proporcionados pelos materiais de um ambiente físico. As críticas à versão tradicional deste referencial era de que não levava em conta o conjunto variável de valores simbólicos que um grupo poderia dispor, independente do ambiente (Titiev, 1979, p. 223-226). Outras concepções antropológicas acabaram surgindo, sempre pensando a domesticação simbólica do tempo e do espaço. Deste modo, o espaço também acompanha as variedades culturais, chegando-se à noção de *lugar antropológico*. Este conceito compreende uma construção simultânea do espaço, tanto concreta quanto simbólica, fornecendo uma base de sentido e identidade, relações e história aos membros de um grupo social. Deste modo, lugar é a materialização parcial da idéia que os habitantes possuem de seu território, ligando-se a "algum evento, mito ou história, bem como a redes de relações" (Cardoso, 2005, p. 41-44). No espaço antropológico, a identidade cultural, os referenciais de história e as relações sociais congregam-se num mesmo ambiente físico. Assim, uma das formas de organização territorial é a *região étnica*, uma "noção histórica modelada pelas situações, os debates, os conflitos que caracterizam um período e lugar" (Graça Filho, 2009, p. 67).

Neste sentido, aqui não estamos muito distantes das teorias da geografia cultural. Para essa linha de pensamento, procura-se primeiramente entender as representações que os homens elaboram de seu ambiente, do país, e do mundo, forjando identidades: "o mundo real é duplicado por mundos imaginados" (Claval, 1997, p. 94, 97). Um dos conceitos bases desta disciplina é a *região cultural*, uma área habitada em um determinado período por culturas em particular, identificadas através de meios materiais e não materiais, criando uma paisagem específica. Estas regiões não são permanentes, submetendo-se a processos constantes de transformação. Do mesmo modo que o referencial antropológico, o que gera identidade a um grupo em especial, é a sua relação com uma porção da superfície terrestre, construída ao mesmo tempo de um modo objetivo e simbólico. Neste caso, o território torna-se o centro da memória, da criação de uma identidade histórica e de reprodução das relações entre o grupo. A região cultural, enquanto espaço controlado pelos grupos ou instituições, acaba transformando-se em objeto de determinadas ações de controle ou manutenção destes simbolismos: celebrações, memorizações, criações e reafirmações de elementos identitários. Esforços de controle espacial são muitas vezes expressos pela interação entre objetos materiais e simbólicos: "linguagem, poder e território estão articulados". Aqui, entramos também nas relações entre política e espaço, pois muitas vezes as regiões culturais adquirem o estatuto de territórios, permitindo a identidade de grupos lingüísticos, religiosos e mesmo Estados e nações (Corrêa, 2008, p. 11-29).

Deste modo, acreditamos na convergência dos referenciais tanto da antropologia quanto da geografia cultural, para um campo conhecido como imaginário político e territorial, onde as idéias de cultura e região se entrelaçam. Definimos *imaginário* como o conjunto de

representações e imagens manifestadas por grupos sociais para criar elementos de identidade, fornecendo respostas aos problemas cotidianos e regulando a vida social. A difusão dos elementos imaginários e seu controle nos meios discursivos garantem a dominação simbólica. O imaginário social é um local eficaz da prática do poder. Para legitimar suas aspirações políticas, diversos grupos sociais utilizam dispositivos imaginários, garantindo a obediência pela relação, sentido e poderio, mas também, transformando-se no sistema emocional dos grupos, vinculado ao institucional (Baczko, 1984, p. 309-320). A noção de território é inseparável da política em um imaginário, pois é onde se compreendem as formas de apropriação do espaço por uma sociedade. O regionalismo, movimento político de origem territorial, é um fenômeno geográfico-político por excelência, produto da dialética da parte *versus* o todo (Castro, 1997, p. 157, 186). Também relacionados com as apropriações simbólicas do território e seus usos políticos pelo imaginário, são os mitos arqueológicos, narrativas fantásticas criadas em torno da cultura material de uma determinada região, criadas como suporte ideológico de muitas nações modernas, legitimando a ocupação, povoamento, colonização ou fixação de grupos sociais por um determinado período. Como exemplos mais famosos de mitos arqueológicos, citamos as cidades perdidas, civilizações desaparecidas, tesouros ocultos, fraudes epigráficas e vestígios da presença européia na América antes de Colombo e Cabral. Ocuparam uma função política e estratégica fundamental durante o século XIX, especialmente atrelados à relação cultura e região (Langer, 1997a, p. 117-121). Investigaremos a seguir, um caso específico de mito arqueológico por nós denominado de "imaginário nórdico," compreendido entre os anos 1830 a 1960.

Cultura, região e mito nos Estados Unidos da América

O que definimos como imaginário nórdico é uma série de representações em torno da suposta presença dos vikings nos Estados Unidos da América, que podem ser definidas também como um mito arqueológico, criadas por volta de 1830 e disseminadas até os anos 1960. A região central de proliferação deste imaginário é o sul da Nova Inglaterra, especialmente os estados de Massachusetts, Connecticut, Rhode Island e a ilha de Long Island, parte do estado de Nova York. Em termos culturais, esta região possui forte identificação com a descendência inglesa e protestante. Em especial, o estado de Massachusetts recebeu os colonos do navio Mayflower, que sintetiza a imagem de sacrifício, virtude e coragem dos peregrinos, e tornou-se símbolo emblemático de fundação da parte *wasp*¹ na nação norte-americana.

Estes puritanos (protestantes calvinistas) acreditavam que tinham fundado outra Canaã na Nova Inglaterra, um grupo de eleitos escolhidos por Deus para habitar uma região abençoada e próspera, fugindo dos algozes: "Tal como os hebreus no Egito, também eles foram perseguidos na Inglaterra" (Karnal, 2010, p. 47). Indo mais além, esse grupo étnico desde os primeiros momentos em que chegou às áreas de colonização, criou vínculos

¹ Em inglês, *white anglo-saxon protestant*, branco, anglo-saxão e protestante. Cf. Karnal, 2010, p. 46.

históricos e bíblicos com o espaço de habitação. Imediatamente, surgiram narrativas de que os indígenas norte-americanos, na realidade, eram descendentes de judeus vindos do Oriente (as 12 tribos perdidas de Israel), ou então, fenícios que se perderam no mar e vieram parar nos Estados Unidos. Essas idéias eram aceitas tanto por intelectuais europeus quanto norte-americanos, do século XVII até início do movimento de independência (Huddleston, 1967, p. 33-137).

Basicamente, as evidências concentravam-se em analogias lingüísticas e supostos vestígios materiais desta presença pré-colombiana, que podiam ser interpretações equivocadas de autênticas obras indígenas. Inicialmente, estas representações tinham uma finalidade típica de tentar reconhecer no desconhecido, algum elemento familiar às tradições de seu universo cultural. Esse defrontar com o inóspito foi muito comum em toda a colonização do continente, afeita ainda a um maravilhoso medieval, que buscava no espaço indígena elementos do repertório clássico. A familiaridade, assim, permitia melhores condições de conquista do território (Langer, 1997b, p. 38-39). Já no século XVIII, a permanência das interpretações de um passado fantástico, tinha outras aplicações. Por exemplo, o pastor Ezra Stiles, então professor do Yale College e governador de Connecticut, em seu livro *Monde primitif*, 1783, defendia que os indígenas eram descendentes de Cam (por meios de navegações dos cananitas), enquanto os protestantes eram descendentes de Jafé (Gravier, 1875, p. 175).² Com isso, percebe-se claramente uma desqualificação bíblica da legitimidade das terras pelos ameríndios. Se existe um passado de vínculo com o Velho Mundo, o povo eleito (os protestantes) tem maiores direitos à posse do espaço que seus antigos habitantes. Essa premissa foi a base de muitos mitos arqueológicos, incentivando a conquista, expulsão e até massacre de vários povos indígenas por toda a América do Norte durante o século XVIII e XIX.³

O mito arqueológico nórdico.

Com relação ao nosso objeto temático, ele se inicia na primeira metade do Oitocentos, com a tradução do livro *Antiquitates Americanae* em Nova York com o título *Discovery of North America*, em 1838. Seu autor, o dinamarquês Carl Christian Rafn, foi o primeiro acadêmico a defender a teoria de que os escandinavos estiveram na América do Norte, muitos séculos antes de Colombo. Para isso, o intelectual utilizou dois pressupostos básicos. O primeiro foram evidências arqueológicas de assentamentos nórdicos medievais descobertos na Groelândia, incluindo autênticas inscrições rúnicas.⁴ Em segundo, duas sagas

² Segundo a Bíblia, Cam foi amaldiçoado por Noé e assim, segundo as interpretações medievais, Cam seria o pai dos africanos negros e Jafé o antepassado dos europeus (brancos) (Huddleston, 1967, p. 38).

³ "A arqueologia estabeleceu vínculos entre a percepção européia e as áreas exploradas, legitimando o processo colonial e imperialista moderno. A criação de mitos arqueológicos é um exemplo significativo: ao estabelecer a origem de antigas civilizações perdidas como autoras dos vestígios americanos, a arqueologia revive o passado destituindo os habitantes contemporâneos de aspirações territoriais" (Langer, 2001, p. 156) (grifo nosso).

⁴ Runas são o alfabeto utilizado pelos povos germânicos desde o século II d.C. (Holman, 2003, p. 229) Durante a Era Viking foram empregados como memoriais, registros de família, expedições militares e explorações (Haywood, 2000, p. 162).

islandesas,⁵ compostas na Idade Média Central, que relatavam a viagem dos islandeses durante a Era Viking⁶, que empreenderam viagens da Islândia à Groelândia, e desta a uma terra muito promissora e rica, repleta de peixes, uvas e pastagens mais a Oeste, denominada de *Vínland* (terra do vinho). Se o primeiro caso era respaldado pela recente ciência da arqueologia, as sagas eram um material pouco aceito entre os historiadores. Não se sabia no período o quanto elas eram realmente fidedignas ou se apenas produtos da imaginação,⁷ entretanto, para o intelectual dinamarquês, elas eram a prova documental da visita de seus antepassados à América.

Mas em especial, Rafn acreditava que a região da Nova Inglaterra foi o local onde os colonos nórdicos estiveram assentados, baseado principalmente em três vestígios arqueológicos muito conhecidos na época, a rocha de Dighton (localizada no rio Tauton, Massachusetts), a torre de Newport (situada em Rhode Island) e um esqueleto humano descoberto no rio Fall em 1832, também em Massachusetts. Na realidade, Rafn nunca esteve na região e conheceu todos estes elementos através de correspondência com Thomas Webb, secretário da sociedade histórica de Rhode Island.⁸ Mais tarde, em 1841, as correspondências de Webb e Rafn foram publicadas em Copenhague, acrescidas de ilustrações da torre por Frederick Catherwood. As ruínas de Newport são uma construção cilíndrica, com diversos arcos laterais, atualmente considerado um moinho de vento erigido no século XVII por colonizadores ingleses.⁹ Mas para Rafn, ela seria o vestígio de uma antiga igreja, construída no século XII pelos escandinavos.



Figura 1: Ilustração da rocha de Dighton, Massachusetts, inserida no livro de Carl Rafn de 1838. Percebe-se uma objetiva caracterização de mistério e pitoresco, típica da arte romântica no início do Oitocentos. Fonte: www.canadianmysteries.ca/sites/vinland Acesso em 28 de janeiro de 2012.

⁵ As sagas são um tipo de narrativa literária onde se descreve a história de uma família ou linhagem histórica da Islândia medieval, especialmente os feitos guerreiros que tiveram lugar entre os anos 874 e 1030. O termo saga vem do verbo islandês *segja* ("dizer, recontar") e é uma exclusividade desta região e do período medieval (Langer, 2009a, p. 2).

⁶ Corresponde ao período de 793 a 1066 d.C. (ou 800 a 1100, conforme o autor), desde o ataque a Lindisfarne até a batalha da ponte de Stamford, ambos na Inglaterra (Langer, 2009b, p. 169-170).

⁷ Nos dias de hoje as sagas do Atlântico Norte são consideradas importantes fontes de memória para eventos e caracteres reais recontados por meio literário, a respeito das expedições escandinavas ao Novo Mundo (Wallace, 604-605, 2012; Sigurðsson, 2000, p. 626).

⁸ Conforme texto publicado pelo *Newport Tower Museum*, em sua página do facebook: www.facebook.com publicada em 01 de janeiro de 2012, acesso em 28 de janeiro de 2012.

⁹ Escavações no local, durante a década de 2000, confirmaram a datação e a origem colonial. Conforme: *Chronognostic research foundation*, 2008, www.chronognostic.org Acesso em 05 de janeiro de 2012.

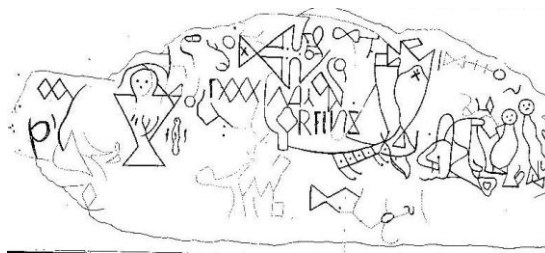


Figura 2: Cópia das inscrições de Dighton segundo Rafn.

O intelectual dinamarquês nunca esteve nos Estados Unidos, baseando sua reprodução em outras cópias anteriores, onde se constata que acabou realizando uma leitura ainda mais equivocada, como a inscrição ◊RFIN (ao centro do conjunto), inexistente nas reproduções de outros acadêmicos.

Em especial no conjunto, são as três gravuras humanas, típicas de outros petróglifos encontrados nos Estados Unidos e de indubitável origem indígena pré-colombiana. Fonte: Gravier, 1875, p. 168.

Quanto à rocha de Dighton consiste num bloco contendo vários petróglifos, desenhos esculpidos com formato geométrico e abstrato. Pelo estilo dos desenhos, podemos perceber claramente que se trata de obra de indígenas do local,¹⁰ mas desde o período colonial a rocha recebeu as mais variadas autorias ligadas ao Velho Mundo. Uma das mais famosas, efetuada pelo já citado reverendo Ezra Stiles em 1789, defendia a idéia de que teria sido feita pelos fenícios. Contudo, Rafn identificou claramente uma origem escandinava. Em uma ilustração que anexou em seu livro de 1838, baseado em desenhos anteriores de Court de Gébélin, de 1768, e da Sociedade histórica de Rhode Island, o dinamarquês acrescentou nitidamente seis letras rúnicas, que foram traduzidas pelo epigrafista Finn Magnussen como *porfins*, e ambos consideraram um suposto desenho de serpente em Dighton como um sinal de ocupação pacífica (Gravier, 1875, p. 185). O nome foi associado a Thorfínnr Karlsefni, importante personagem da saga dos groelandeses, que chegou a permanecer na colônia de Vinland (Anônimo, 2007, p. 75).

O terceiro tipo de vestígio examinado por Carl Rafn foi um esqueleto descoberto por pesquisas amadoras, que foi destruído por um incêndio em 1843. Antes de desaparecer, foi descrito por Phineas Leland, que afirmou serem restos de um chefe indígena em postura de enterro, mas os fragmentos de setas de metal, encontrados junto ao corpo, poderiam ser de povos europeus (nenhuma etnia ameríndia dominava a metalurgia).

Amparado por todas as evidências apontadas, o historiador dinamarquês publicou um mapa, na obra de 1838, que identificava claramente a região da baía de Massachusetts à Long Island como sendo Vinland, idéia também logo seguida por outros acadêmicos, mas estes ampliando a colônia escandinava até Nova York, como na *Carte des decouvertes irlandaises et islandaises* (Beauvois, 1875, p. 45). Apesar de não existir neste momento nenhuma prova totalmente convincente ou algum estudo arqueologicamente conduzido que definitivamente comprovasse a ocupação escandinava na América do Norte, como apontavam as sagas, as idéias de Rafn lograram muito sucesso entre os intelectuais, acadêmicos, professores e artistas da região da Nova Inglaterra, suplantando teorias rivais, como a dos judeus e fenícios. Um pequeno estudo, originado de conferências públicas em

¹⁰ A arte rupestre pré-colombiana norte-americana é uma das mais variadas e ricas do mundo, contendo especialmente esculturas em estilo geométrico e abstrato, o mais observado em Dighton. Sobre o tema, consultar o acervo visual e bibliográfico em: www.petroglyphs.us Acesso em 05 de janeiro de 2012.

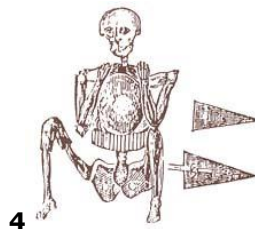
diversas cidades como Nova York e Boston, do historiador Asahel Davis, reitera as teorias de Rafn sobre o povoamento nórdico da Nova Inglaterra, mas acrescentando alguns dados novos – os primeiros visitantes do Novo Mundo eram pacíficos e introduziram a cruz entre os índios¹¹ (Davis, 1845, p. 12), detalhes que certamente agradaram os ouvidos da população do período.



1

Figura 1: ilustração da torre de Newport, Massachusetts, realizada por Fredrick Catherwood e inserida no livro de Carl Rafn, *Account of an ancient structure in Newport, Rhode Island, the Vinland of the Scandinavians*, Copenhagen, 1841. Tendo muita experiência na reconstituição de ruínas arqueológicas (Catherwood é celebre por seu trabalho de ilustração nos vestígios maias), o artista conseguiu detalhar o local em seus mínimos detalhes arquitetônicos, mas com a fascinação típica do romantismo. A torre atualmente encontra-se aberta a visitação no parque Touro, avenida Bellevue em Mill Street, Newport.

Fonte: www.redwoodlibrary.org/tower/frame5.htm Acesso em 04 de fevereiro de 2012.



4

Figura 4: ilustração dos vestígios encontrados próximos ao rio Fall em 1832, Massachusetts. Além do esqueleto em posição agachada (típica de enterros indígenas em quase toda a América), foram encontradas pontas de projéteis de metal, inexistentes entre os ameríndios antes do contato europeu. Como os vestígios não foram registrados por meio de pesquisa arqueológica criteriosamente conduzida (estatigrafia e contexto espacial), tendo sido perdidos em um incêndio, não podem constituir uma evidência científica sobre a presença nórdica na América. Fonte:

http://en.wikipedia.org/wiki/The_skeleton_in_Armor Acesso em 05 de janeiro de 2012.

Um sintoma muito claro da popularidade das idéias de Rafn foi a publicação do poema *The skeleton in Armor* em 1841, por Henry Wadsworth Longfellow, professor de línguas estrangeiras no Harvard College, em Massachusetts. Em síntese, o poema trata das aventuras heróicas e românticas de um escandinavo, desde as terras nórdicas até sua vinda para os Estados Unidos, onde constrói a torre de Newport para sua amada esposa. Além da continuidade e sucesso do mito arqueológico, temos agora um novo elemento que se configura no imaginário: a idéia de *viking*. Para os acadêmicos, como Rafn, Beauvois e Davis, o termo não foi empregado, utilizando-se preferencialmente escandinavos antigos, islandeses, irlandeses e piratas escandinavos (Rafn, 1840, p. 211; Davis, 1845, p. 10;

¹¹ Davis também alude a uma suposta descoberta de um geólogo dinamarquês, de uma cidade islandesa no Brasil, com inscrições rúnicas e uma estátua do deus Thor (Davis, 1845, p. 13). Certamente o autor se refere à cidade perdida da Bahia, popularizada pelo Instituto Histórico e Geográfico brasileiro durante os anos 1840, que se creditava de origem escandinava medieval. Quanto ao paleontólogo, trata-se do famoso Peter Lund, instalado em Minas Gerais, correspondente de Carl Rafn e defensor da origem nórdica do Brasil. Para detalhes deste assunto, consultar Langer, 2009b, p. 159-164.

Beauvois, 1875, p. 80). Outro autor, inclusive critica o uso dos termos normando e escandinavo, por serem muito genéricos, e prefere utilizar islandeses para designar os navegadores que chegaram ao novo continente (Gröndals, 1875, p. 37). A representação do viking foi propagada pelos artistas, escritores, pintores e músicos, comungando com os políticos e intelectuais da época a idéia de um passado comum, de uma origem genérica que estimulasse os vínculos coletivos em torno das nações modernas, ávidas de grandes feitos, heróis, batalhas e sentido de identidade (Langer, 2002, p. 7-9).

Inicialmente, a palavra viking¹² tinha um sentido negativo, designando crueldade, barbárie, paganismo e bestialidade, das fontes literárias medievais até o século XVIII. Apesar dos estereótipos negativos terem continuidade (na realidade, até nossos dias), foi durante o início do Oitocentos que se popularizaram as imagens positivas do guerreiro-explorador de origem nórdica: um espírito de aventura, intrepidez, bravura, liberdade, transformando o viking num dos heróis românticos preferidos (Boyer, 1986, p. 19-120). Todos estes sentidos podem ser encontrados no poema de Longfellow, mas em especial, percebemos uma imagem em destaque: o valente guerreiro que não tem medo de nada, que explora as escuras florestas em busca de grandes animais selvagens, como o urso, uiva como o lobo e navega pelo mar desconhecido. Nas novas terras, o viajante volta a explorar as exuberantes matas (*vast forest*). Estaria o poeta relacionando a bravura dos primeiros exploradores puritanos, instalados em uma região selvagem e inóspita, com os europeus que supostamente estiveram na mesma região, muito tempo antes? É possível. Mas essa imagem de heroísmo também tem uma contrapartida. O viking imaginário, além de sua coragem, é um grande beberrão, gosta de grandes festas com muita cerveja (*Measured in cups of ale*). O poema termina com o característico brinde escandinavo: *Skoal! To the Northland! Skoal!* Não sabemos se isso teve alguma relação com os antigos puritanos ou os habitantes da Nova Inglaterra do período, mas com certeza fez sucesso no imaginário popular, ao ponto de uma charge de 1894 ter representado diversos vikings em torno da torre de Newport, todos bebendo fartos cornos de cerveja.¹³

¹² O termo viking, nas fontes islandesas medievais, tem um sentido relacionado a empreitadas marítimas, seja de pirataria ou comércio. Nos tempos contemporâneos, os acadêmicos popularizaram seu uso no sentido de designar genericamente todos os habitantes da Escandinávia durante a Era Viking, de 800 a 1050, mas especialmente guerreiros e expedições militares (Brink, 2012, p. 4-6). Alguns escandinavistas revisionistas atentam ao fato que a academia oitocentista foi altamente influenciada pelo romantismo na construção do "vikinguismo" (Wawn, 2002, p. 3), mas concordam que não existe outro termo mais satisfatório para se empregar (nas fontes medievais, nórdico foi mais usado para os noruegueses, enquanto o termo escandinavo seria uma ficção geo-política), desde que se permaneça a utilizar viking no sentido de marinheiro, pirata e viajante (Christiansen, 2006, p.1-4). Em nossa opinião, pode-se continuar a empregar a polêmica palavra no sentido de *um modo de vida orientado por práticas culturais*: a saída ao mar para comércio, pirataria, exploração ou colonização foi motivada e estruturada por motivações econômicas, religiosas e sociais, *sendo comum a diversas etnias diferenciadas* existentes em toda a Escandinávia durante a Era Viking, com diversos elementos culturais semelhantes, como linguagem, mitologia, religiosidade, cotidiano, entre outras. "Dois grupos sociais vizinhos, muito parecidos culturalmente, podem chegar a considerar-se completamente diferentes e excludentes do ponto de vista étnico" (Cardoso, 2005, p. 186).

¹³ A charge é de autoria de Frederick Burr Opper e foi inserida no livro *Bill Nye's History of the United States*, publicado em Chicago no ano de 1894. Conforme: www.redwoodlibrary.org/tower/frame7.htm Acesso em 02 de fevereiro de 2012.



5

Figura 5: charge realizada por Frederick Burr Oper em 1894 que representa um grupo de seis vikings próximos à torre de Newport em Massachusetts. Enquanto dois guerreiros conversam (portando machados, escudos, arcos e flechas), os outros quatro brindam em cornos, ao lado de um barril de cerveja. Em primeiro plano, ao chão, estão representados um escudo e um machado – a principal arma associada aos nórdicos no imaginário. Quase todos os estereótipos nórdicos estão presentes na ilustração: os fantasiosos elmos com chifres e asas laterais; guerreiros fanfarrões, barbudos e obesos; o não uso de calças (apenas mantos compridos ou peles animais) e a figura do líder em destaque, utilizando mais indumentárias e acessórios. Fonte: www.redwoodlibrary.org/tower/frame7.htm Acesso em 18 de janeiro de 2012.

Os vikings retratados neste desenho foram diretamente inspirados na estética das óperas wagnerianas, as grandes popularizadoras no Ocidente dos estereótipos visuais sobre os nórdicos. No final do século XIX, praticamente todas as formas visuais de reconstituição tanto dos deuses quanto dos escandinavos históricos passaram a conter algum tipo de influência advinda do romantismo alemão.¹⁴ Isso é bem nítido em duas gravuras da segunda metade do Oitocentos, produzidas para revistas de Nova York, reproduzindo as viagens de Erik e Leif Eriksson ao Atlântico Norte e litoral do Novo Mundo.¹⁵ Além da caracterização de um ambiente idílico e com certo mistério nostálgico, o heroísmo e a audácia dos líderes das expedições são exaltados, especialmente Leif, que além de portar equipamentos mais vistosos, elaborados e imponentes que o restante do grupo, é o primeiro a desembarcar na praia, e portanto, a pisar em solo americano.

Neste momento, inicia-se o que podemos caracterizar como o culto da figura de Leif Eriksson. Primeiramente ele é homenageado regionalmente com uma estátua, erigida em 1887, pela escultora Anne Whitney em Boston, Massachusetts, também influenciada pela arte europeia do período. Trajando cotas de malha e sandálias, portando um corno e olhando para o infinito, a imagem de pioneiro-desbravador desta estátua é algo que acabou se popularizando cada vez mais, a ponto de se tornar uma referência nacional. Uma série de estátuas e bustos norte-americanos foram esculpidas para homenagear este suposto personagem histórico após Whitney, num total de onze obras até nossos dias.¹⁶

¹⁴ Dentre todas as óperas, a que mais influenciou os estereótipos icônicos sobre os vikings e a mitologia nórdica foi *O anel dos Nibelungos*, de Richard Wagner, que estreou entre os anos 1870 a 1876. Os principais elementos estéticos fantasiosos são: equipamentos militares, vestuário masculino e feminino e ambientação cotidiana (Langer, 2004, p. 166-169). A estética alemã também influenciou a arte e o cotidiano na Escandinávia do período (Mjöberg, 1980, p. 233).

¹⁵ *The Discovery of Greenland*, de 1875 e *Discovery of America*, ambas pertencentes ao acervo da Biblioteca do Congresso, em Washington, e realizadas por pintores norte-americanos (Glot & Bris, 2004, p. 50, 141)

¹⁶ *Leif Eriksson International Foundation*: www.leiferikson.org Acesso em 03 de fevereiro de 2012.

No estado de Wisconsin, o professor Rasmus Anderson, autor do livro *America not discovered by Columbus*, de 1874, inicia um movimento para a celebração nacional do herói nórdico, que é aceita em 1930 neste estado e depois, em 1964, em todo o país, com a criação do dia de Leif Eriksson.¹⁷ Com isso, a representação de um passado relacionado aos escandinavos deixa de ser uma exclusividade da região da Nova Inglaterra e se torna um referencial histórico identificado aos Estados Unidos em geral, afinal, para o imaginário, os antigos exploradores nórdicos podem ter explorado qualquer local. Isso, em parte, tem relação com a própria configuração norte-americana durante o século XIX. O auge das idéias de Rafn e dos mitos arqueológicos da região da Nova Inglaterra estabelecidos entre 1830 a 1850 – um período em que o meio oeste ainda era pouco explorado e povoado – enquanto que a celebração de Lei Eriksson inicia-se a partir dos anos 1880 e prossegue por todo o novo século – um momento que após a corrida do ouro, praticamente todos os Estados Unidos já se encontravam conquistados ou no controle direto do Estado (Karnal, 2010, p. 164). Dentro deste contexto, em diversas localidades no interior do país diversas inscrições rúnicas são encontradas, para citar somente as mais famosas: a laje de Kensington¹⁸ (Minnesota, 1898), Heavener (Oklahoma, 1913), Poteau (Oklahoma, 1967), Shawnee (Oklahoma, 1969), Spirit Pond (Maine, 1971). Em um contexto onde existem poucas informações críveis sobre as incursões escandinavas – as sagas islandesas são narrativas literárias e não crônicas históricas – a absoluta credibilidade em um passado idealizado acaba, neste caso, apelando para as falsificações.¹⁹ Mas também, já dentro de um panorama consolidado pela arqueologia moderna, as inscrições atestam duas evidências conjuntas. De um lado, a materialidade do documento escrito – sem ele não há história, não há passado consubstanciado. De outro, elas evidenciam que a sociedade em questão, possui marcas de civilização – pois a escrita é a base da identificação de um grupo humano superior, que venceu a barbárie e transita em um estágio mais evoluído, aos olhos da epigrafia romântica, que revelou ao mundo a decifração de formidáveis sistemas de escrita pelo mundo (os hieróglifos em 1822 e o cuneiforme em 1840) (Bahn, 1996, p. 68, 108). Com isso, o encontro de antigas inscrições nos Estados Unidos, sem dúvida, é um grande acontecimento, extremamente alardeado pelos jornais e revistas do período. Símbolos de mistério, elas evocam um passado alternativo, mas pretensamente superior ao indígena.

¹⁷ A influência da comunidade de origem escandinava nos Estados Unidos na popularização do mito arqueológico nórdico é um tema que merece maiores investigações futuras, mas sem dúvidas, foi de grande importância na trajetória de tais representações (Lönnroth, 1999, p. 244-245).

¹⁸ A inscrição foi examinada inicialmente por Olaf Breda e George Curme, professores de estudos escandinavos, concluindo que se tratava de um texto moderno, idéia seguida por diversos outros especialistas contemporâneos (Holman, 2003, p. 160).

¹⁹ A maior parte dos epigrafistas e escandinavistas da América do Norte e Europa consideram todas as inscrições rúnicas encontradas até hoje na América do Norte como fraudes. A única evidência autêntica de runas, em todo o Atlântico Norte, foi encontrada na baía de disco, em Kingigtorsuaq, Groelândia (Page, 2000, p. 60-61).



Figura 6: fotografia da inscrição de Kensington, a mais famosa fraude epigráfica nórdica. Descoberta em 1898 na fazenda de Olaf Ohman, em Minnesota. A inscrição alude a exploradores escandinavos que teriam aportado na costa Leste em 1362. Existem muitos problemas técnicos nas inscrições: a linguagem não é condizente com a adotada no mundo nórdico durante o século XIV e com diversos erros fonéticos. O maior erro do fraudador foi ter utilizado a runa *geofu* para representar a letra A, que na data em questão, usava a runa *ar* para representar o mesmo fonema. Atualmente a laje está exposta no *Runestone Museum* em Alexandria, Minnesota (Langer, 2009b, p. 167). Fonte da imagem: www.runestonemuseum.org Acesso em 01 de janeiro de 2012.



Figura 7: detalhe do mapa de Vinland, divulgado em 1965 pela Universidade de Yale (Connecticut, Nova Inglaterra) e considerado atualmente uma falsificação. Fonte: www.econ.ohio-state.edu/jhm/arch/vinland/vinland.htm Acesso em 28 de janeiro de 2012.

E esse ato de celebrar o passado pode ser percebido também com as réplicas. Entre a primeira inauguração de estátua de Leif Eriksson (1887) e a falsificação epigráfica de Kensington (1898), ocorreu a feira mundial de Chicago. Realizada em 1893, foi uma das várias exposições universais ocorridas no século, apresentando inovações tecnológicas, industriais, comerciais, enfim, uma exibição dos grandes países inseridos na Era industrial e no nacionalismo moderno. O momento triunfante da feira foi a chegada do *Viking* (Bahn, 1996, p. 131), uma réplica da embarcação medieval de Gokstad, encontrada por escavações arqueológicas na Noruega em 1880. O *Viking* havia partido de Bergen chegando a Nova York, onde navegou até Chicago via rio Hudson. Não somente demonstrava a possibilidade real de uma embarcação ter atravessado o Atlântico, como também evidenciou a maneabilidade e perícia náutica dos escandinavos (Atkinson, 1990, p. 15-16). Assim como a recordação do passado é evocada pelo monumento, o ato de celebração confere sentido às ideologias do presente. Todos os três - estátuas, inscrições e réplicas - atendem a necessidade social daquele momento, a de legitimar a identificação do povo norte-americano com uma origem européia, de gloriosos aventureiros que anteciparam os colonos puritanos, inserindo portanto, os nórdicos nos valores patrióticos.

Todas estas representações irão se materializar no suporte ideal para o imaginário coletivo, o cinema. Em um filme mudo de 1928 produzido pela MGM e dirigido por Roy Neill, *The Viking*, o mito arqueológico nórdico se espalha pelo Ocidente. A narrativa centra-se no

amor entre a personagem Helga, dividida entre um escravo de origem anglo-saxã, Alwin, e Leif Eriksson, filho de Erik, o vermelho. Partindo de uma expedição na Noruega, os aventureiros chegam à costa Leste dos Estados Unidos, com o intuito de difundir o cristianismo pelo Novo Mundo, sob o comando do rei Olaf da Noruega. Esta foi a primeira produção cinematográfica a utilizar o tema do contato entre indígenas e europeus e logo na sua abertura identificamos um dos grandes ícones nórdicos, a nave longa – conhecida no imaginário por *drakkar* (dragão). A cena final é o momento em que os expedicionários se encontram com os ameríndios, em frente à torre de Newport – no filme, construída por Leif Eriksson, demonstrando aqui uma interferência direta do culto deste personagem pela sociedade da época. Em nossa opinião, o elemento ideológico mais acirrado no filme é do cristianismo como condutor da paz e da prosperidade entre os antigos colonizadores. Aqui dois tipos de vikings foram bem demarcados – o primeiro, ainda pagão, é bárbaro, inculto, selvagem, indisciplinado (no filme, os primeiros vikings a serem representados são pagãos atacando os anglo-saxões, todos com o tronco nu, portando peles de animais e pilhando, matando e estuprando o povo indefeso da Northumbria). O pai de Leif, Erik, é apresentado como um líder pagão sanguinário, adorador do deus Thor, matando todos os cristãos que se apresentam em sua fazenda na Groelândia. Os vikings cristianizados, pelo contrário, já portam mantos adornados, são disciplinados, complacentes e incentivadores da paz – a figura ideal neste caso é o próprio Leif.²⁰ O roteiro foi baseado no romance *The thrall of Leif the lucky, a story of Viking days* de Otilie Adelina Liljencrantz, de 1902. No livro, o desfecho ocorre com a cristianização de toda a Groelândia, enquanto que no filme a ação final é transferida para a Nova Inglaterra (Harty, 2011, p. 110). Ambos acabam por se afastar objetivamente das principais fontes sobre Leif, a *Saga dos groelandeses* e a *Saga de Erik*. Em primeiro lugar, Leif não foi o primeiro a chegar ao Novo Mundo, mas o islandês Bjarni Herjúlffsson (que avistou, porém não desembarcou no litoral), do qual ele comprou a embarcação e contratou sua tripulação, além de ter obtido informações náuticas. Assim, partiu da colônia groelandesa para as terras recém descobertas, e não da Noruega para estas, como aparece no filme, tendo a missão de cristianizar o Novo Mundo. Em segundo, o encontro com os nativos norte-americanos nem sempre foi pacífico, tendo em algumas ocasiões ocorrido batalhas, além dos conflitos entre os próprios colonos. Também os embates entre Leif e Erik que aparecem no filme, distanciam-se das fontes, inclusive, a esposa de Erik ordenou a construção de uma igreja próxima à fazenda da Groelândia (Anônimo, 2007, p. 57-123), cujos vestígios podem ser observados até hoje. Com isso, percebemos que o filme perpetua tanto a representação da Nova Inglaterra como o local onde se instalou a colônia de Vinland (simbolizado pela torre de Newport), como também o cristianismo enquanto seu eixo central, fixando a paz entre os nativos recém-convertidos (simbolizados por crucifixos e cruzes que recebem) e seus legítimos descobridores, os escandinavos.

²⁰ O filme tem uma forte influência das óperas de Richard Wagner, tanto pelas vestimentas (elmos com chifres e asas, placas circulares metálica no tórax e acima da cota de malha, tanto em homens quanto na personagem Helga) quanto pela trilha sonora, com vários excertos do *Anel dos Nibelungos* e vocalizações operísticas, além de elementos dramatizados e gesticulações que lembram muito as apresentações artísticas alemãs.

O sucesso do mito arqueológico prosseguiu com publicações de artigos em jornais, revistas, exposições, televisão, entre outras mídias. Porém, em meados dos anos 1950 iniciaram-se as escavações arqueológicas na região de L'Anse-aux-Meadows, ilha da Terra Nova, no Canadá, pelo arqueólogo norueguês Helge Ingstad. Surgiram as primeiras provas científicas e sem equívoco da presença europeia antes de Colombo, como objetos de bronze, vestígios de fundição, porto e casas, datados do final da Era Viking (cerca do ano mil d.C.). As pesquisas, incluindo datações, prosseguem até nossos dias, sendo que os especialistas consideram que a colônia de Vinland englobaria as regiões canadenses da Terra Nova e Nova Escócia, banhadas pelo golfo de São Lourenço (Wallace, 2012, p. 607). O sonho nórdico da Nova Inglaterra teve seu fim. Antes, porém, ainda tentou desesperadamente algum tipo de sobrevivência. Em 1965, a Universidade de Yale, em Connecticut, apresentou a descoberta de um mapa, datado do século XV, onde estariam representadas as colônias nórdicas da Groelândia e América do Norte. Houve grande alvoroço e polêmica, mas vários testes e análises posteriores demonstraram que o objeto era uma falsificação realizada no século XX.²¹ Atualmente, com exceção de uma moeda encontrada no Maine,²² não resta nenhuma evidência concreta de que os escandinavos estiveram nos Estados Unidos.

Conclusão: mito arqueológico e invenção da tradição

A região da Nova Inglaterra incentivou a criação e divulgação da teoria de que Vinland se situaria neste local. Neste caso, seguindo um velho hábito dos acadêmicos e intelectuais norte-americanos em considerarem estas terras como tendo ligação direta com o Velho Mundo muito tempo antes de Colombo, criou-se uma legitimidade para a conquista do espaço, sua ocupação e os direitos para com o território. Destituindo uma ligação histórica exclusiva dos indígenas com esta região, foram elaboradas melhores condições de legitimidade dos vínculos culturais para com ela. Os puritanos tornam-se os herdeiros de um passado nórdico, descendentes indiretos de colonizadores que não somente trouxeram o cristianismo e o pacifismo, mas também a prosperidade para a região. Deste modo, também se forjou um sentido de *identidade* muito mais proveitoso para a própria idéia de nação que estava sendo consolidada na primeira metade do século XIX, interessada em se desvincular das ligações histórico-culturais com a Inglaterra, mas ao mesmo tempo, não ter nenhuma conexão com os nativos.

O culto a Leif Eriksson, neste caso, ultrapassa um sentido de ligação histórica apenas para os descendentes de escandinavos, sendo aproveitado pelas instituições políticas para

²¹ O mapa teria sido descoberto pelo livreiro Lawrence Witten em 1957, mas não se sabe sua proveniência e datação. Exames químicos em 1974 declararam que o documento possui traços de dióxido de titânio, um elemento não encontrado em objetos anteriores a 1917 (Haywood, 2000, p. 200; Holman, 2003, p. 279).

²² A moeda tem origem comprovadamente medieval e nórdica, mas pode ter sido levada ao local pelos indígenas da região de Terra Nova e não necessariamente é uma prova da incursão direta dos escandinavos (A moeda foi encontrada numa escavação de um sítio indígena em 1957 e talvez tenha sido cunhada no reino de Olaf Kyrre, 1067-93) (Hall, 2007, p. 162). A possibilidade dos vikings terem explorado alguma região dos Estados Unidos é imensa, visto que atravessaram o Atlântico e permaneceram em Vinland por várias décadas. Mesmo que esse fato seja comprovado no futuro por novas descobertas, isso não retira do mito arqueológico os seus significados sociais.

criar uma tradição²³ de continuidade com um passado forjado, inventado, falsificado, imaginado. Aqui a criação de monumentos com intuito celebratório é semelhante ao caso europeu, seja pela construção de estátuas de heróis celtas como Boudica e Vercingetórix na França e Inglaterra, seja com a criação de personagens falsos, como Osian (Hobsbawm & Ranger, 1997, p. 15).

Em um período onde as nações necessitavam de heróis em sua história, o mito concedeu condições para que o passado imaginado antecipasse a existência de colonos/exploradores muito tempo antes de Thomas Jefferson, George Washington e outras figuras emblemáticas. Como produto cultural, a nação tende especialmente a imaginar uma relação muito mais especial entre antigas tradições do que com o caráter histórico do presente (Oliveira, 1998, p. 25). O mito arqueológico nórdico, servindo de ponto de referência para a identidade regional, neste caso, foi somado a um referencial de toda a nação com o passar do tempo, e também como marca de distinção e ponto de referência em relação aos outros povos.

Fontes primárias:

ANDERSON, Rasmus. *America not discovered by Columbus: an historical sketch of the discovery of America by the norsemen in Tenth Century*. Chicago; S.C. Griggs and Company, 1891. Disponível em: www.archive.org/stream/americanotdisco00andegoog#page Acesso em 02 de fevereiro de 2012.

ANÔNIMO. *Grænlendinga saga/Eiríks saga rauða*, século XIII. Tradução ao inglês de Keneva Kunz, *The vinland sagas*. In: *The sagas of ícelanders*. London: Penguin Books, 2000, pp. 626-676. Tradução ao português por Théo de Borba Moosburguer, *Três sagas islandesas*. Curitiba: editora da UFPR, 2007.

BEAUVOIS, M. E. La découverte du Nouveau Monde par les irlandais et les premières traces du Christianisme em Amérique avant l'an 1000. In: *I Congrès International des Américanistes*. Nancy: G. Crépin-Leblond, 1875, vol. I, pp. 41-93.

DAVIS, Asahel. *Discovery of New England by the northmen five hundred years before Columbus*. New York: N. Tuttle, 1845. Disponível em: www.archive.org/details/discoveryofnewen00dav Acesso em 02 de fevereiro e 2012.

GRAVIER, Gabriel. Le rock de Dighton. In: *I Congrès International des Américanistes*. Nancy: G. Crépin-Leblond, 1875, vol. I, pp. 166-191.

GRÖNDALS, Bénédicte. Note sur la découverte de l'Amérique antécolumbienne. In: *I Congrès International des Américanistes*. Nancy: G. Crépin-Leblond, 1875, vol. I, pp. 37-40.

LONGFELLOW, Henry Wadsworth. *The skeleton in armor*, 1841. Disponível em: *Norse Ballads of Henry Longfellow*, www.pitt.edu/~dash/longfellow.html Acesso em 05 de janeiro de 2012.

NEILL, Roy William (dir.) *The Viking*. Filme, USA, 1928, 90 min, 2-strip Technicolor. Disponível em: www.youtube.com Acesso em 05 de janeiro de 2012.

RAFN, Carlos Christiano. Memória sobre o descobrimento da America no século décimo. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico brasileiro*, primeiro trimestre de 1840, tomo II, n. 5, pp. 210-236.

²³ "Por tradição inventada entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas: tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado" (Hobsbawm & Ranger, 1997, p. 9).

Bibliografia:

- ATKINSON, Ian. El viaje del Viking. *Los barcos vikingos*. Madrid: Akal, 1990, p. 14-16.
- BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. *Enciclopédia Einauldi*, v. 5, 1984.
- BAHN, Paul G. *The Cambridge illustrated history of Archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- BOYER, Régis. *Le mythe Viking dans les lettres françaises*. Paris: Editions du Porte-Glaive, 1986.
- BRINK, Stefan. Who were the Vikings? In: BRINK, Stefan (org). *The Viking world*. London: Routledge, 2012, pp. 4-10.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. Repensando a construção do espaço. *Um historiador fala de teoria e metodologia*. SP: Edusc, 2005, pp. 37-54.
- CASTRO, Iná Elias de. Imaginário político e território: natureza, regionalismo e representação. In: CASTRO, Iná Elias et ali (orgs). *Explorações geográficas*. SP: Bertrand Brasil, 1997, pp. 155-196.
- CLAVAL, Paulo. As abordagens da geografia cultural. In: CASTRO, Iná Elias et ali (orgs). *Explorações geográficas*. SP: Bertrand Brasil, 1997, pp. 89-118.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Região cultural: um tema fundamental. In: ROSENDAHL, Zeny & CORRÊA, Roberto Lobato. *Espaço e cultura: pluralidade temática*. RJ: Editora da UERJ, 2008, pp. 11-46.
- CHRISTIANSEN, Eric. *The norsemen in the Viking Age*. London: Blackwell Publishing, 2006.
- CUCHEA, Dennys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. SP: Edusc, 2002.
- EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. SP: Editora da Unesp, 2001.
- FENTON, Steve. *Etnicidade*. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.
- GLOT, Claudine & BRIS, Michel Le (orgs.). *L'Europe des Vikings*. Paris: Hoëbeke, 2004.
- GRAÇA FILHO, Afonso de Alencastro. *História, região e globalização*. SP: Autêntica, 2009.
- HALL, Richard. Olaf in Maine. *Exploring the world of the Vikings*. London: Thames and Hudson, 2007, p. 162.
- HARTY, Kevin J. Who's savage now? The Vikings in North America. In: HARTY, Kevin J. (org.). *The Vikings on film: essays on depictions of the Nordic Middle Ages*. North Carolina: McFarland & Company, 2011, pp. 106-120.
- HAYWOOD, John. *The encyclopaedia of the Viking Age*. London: Thames and Hudson, 2000.
- HOBSBAWM, Eric & RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. RJ: Paz e Terra, 1997.
- HOLMAN, Katherine. *Historical dictionary of the Vikings*. London: The Scarecrow Press, 2003.
- HUDDLESTON, Eldridge. *Origins of the american indians: european concepts, 1492-1729*. Austin: Stick Company, 1967.
- KARNAL, Leandro (org). *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. SP: Contexto, 2010.
- LANGER, Johnni. História e sociedade nas sagas islandesas: perspectivas metodológicas. *Alethia* 1, 2009a, pp. 1-15.
- LANGER, Johnni. Os vikings no Brasil: a história de um mito arqueológico. *Deuses, monstros, heróis: ensaios de mitologia e religião viking*. Brasília: Editora da UNB, 2009b, pp. 159-164.
- LANGER, Johnni. Rêver son passé. In: GLOT, Claudine & BRIS, Michel Le (orgs.). *L'Europe des Vikings*. Paris: Hoëbeke, 2004, pp. 166-169.
- LANGER, Johnni. The origins of the imaginary Viking. *Viking Heritage* 4, 2002, pp. 6-9.
- LANGER, Johnni. Os enigmas de um continente: as origens da arqueologia americana, 1750-1850. *Estudos Ibero-americanos* 27(1), 2001a, pp. 143-158.

- LANGER, Johnni. Mitos arqueológicos e poder. *Clio: série arqueológica* 1(12), 1997a, pp. 109-126.
- LANGER, Johnni. O mito do Eldorado: origem e significado no imaginário sul-americano (século XVI). *Revista de História, USP*, 136, 1997b, pp. 25-40.
- LAPLANTINE, François. *Aprender antropologia*. SP: Brasiliense, 1999.
- LÖNNROTH, Lars. The Vikings in history and legend. In: SAWYER, Peter (org.). *The Oxford illustrated history of the Vikings*. Oxford: Oxford University Press, 1999, pp. 225-249.
- MJÖBERG, Jöran. Romanticism and revival. In: WILSON, David (org.). *The Northern World: the history and heritage of Northern Europe*. New York: Harry Abrams, 1980, pp. 207-238.
- OLIVEN, Ruben George. Mitologias da nação. In: FÉLIX, Loiva & ELMIR, Cláudio (orgs.). *Mitos e heróis: construção de imaginários*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1998, pp. 23-40.
- PAGE, Raymond Ian. Runes in North America. *Runes*. London: British Museum, 2000, pp. 60-62.
- SIGURÐSSON, Gísli. The Vinland sagas. In: *The sagas of ícelanders*. London: Penguin Books, 2000, pp. 626-635.
- TITIEV, Mischa. *Introdução à antropologia cultural*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1979.
- WALLACE, Birgitta. The discovery of Vinland. In: BRINK, Stefan (org.). *The Viking world*. London: Routledge, 2012, pp. 604-620.
- WAWN, Andrew. *The Vikings and the Victorians: inventing the old Norse 19th-century Britain*. London: D. S. Brewer, 2002.